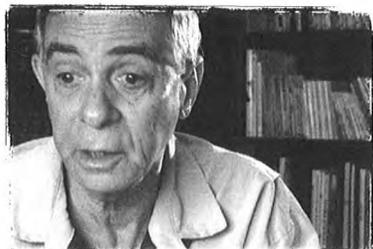
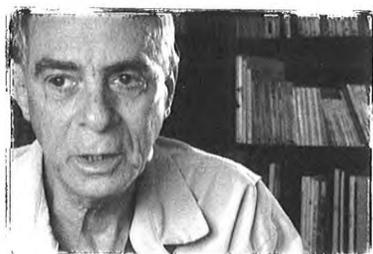
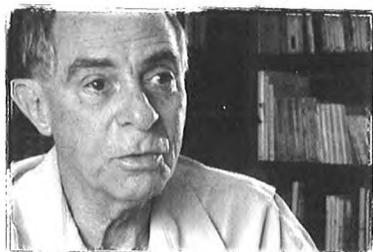


Dias de Combate

por Daniel Kulaiif fotos de Alexandre Klemperer



No final de 1998, meu colega de classe, Alexandre Klemperer, me levou ao Rio para fazer uma entrevista com Dias Gomes e conhecer os estúdios da TV Globo. Essas entrevistas fizeram parte de seu trabalho de conclusão do curso de Rádio e TV da USP. Leia a seguir uma homenagem ao grande dramaturgo da TV brasileira, Alfredo Dias Gomes.

CENA 1 - EXT/DIA - POSTO DE GASOLINA

Carro com dois rapazes entra em posto de gasolina e estaciona ao lado do orelhão. O motorista sai e telefona. Espera, olha para fora procurando algo na estrada e desliga. Nervoso, volta para o carro.

Alexandre - Não atendeu. E se ele esqueceu?
Daniel - Ele não falou para você ligar quando chegar no Rio? Então...

CENA 2 - EXT/DIA - RUA DO LEBLON, RJ

Carro estaciona em frente a um prédio de escritórios. Alexandre e Daniel tiram câmera, tripé e luzes do porta-malas e entram no prédio.

CENA 3 - INT/DIA - SAGUÃO DO PRÉDIO

Daniel e Alexandre esperam no balcão. Chega porteiro e olha equipamentos, curioso.

Porteiro - Vão filmar é?
Alexandre - Nós vamos no 1702.
Porteiro - É da Globo é?
Daniel - Não, é da TV USP.
Porteiro - Seu nome?
Alexandre - Alexandre.

Porteiro pega o interfone e disca.

CENA 4 - INT/DIA - ELEVADOR

Alexandre e Daniel olham para a frente, sem falar nada.

CENA 5 - INT/ DIA - HALL DO ELEVADOR

Alexandre e Daniel saem do elevador e carregam os equipamentos em direção ao 1702. Antes de tocarem a campainha, Dias Gomes abre a porta, calmamente.

Dias Gomes - Olá, como é que vão? O Alexandre é...?
Alexandre - Sou eu. Esse é o Daniel.

Os três se cumprimentam.

Dias Gomes - Eu só estou terminando umas coisinhas e já falo com vocês. Vamos entrar.

Os dois entram, Dias Gomes fecha porta.

CENA 6 - INT/DIA - ESCRITÓRIO DE DIAS GOMES

Alexandre e Daniel esperam sentados no sofá. A câmera passeia pelos detalhes da sala. Na parede, quadros das peças de Dias Gomes e fotos de família. Abaixo, um aparador, espécie de oratório pagão, com uma máquina de escrever muito antiga em cima de uma toalha de renda. As outras paredes são forradas de livros. Numa das estantes, vários volumes encadernados com os capítulos de *O Bem Amado*. Pela janela, o mar brilha com o sol. Os dois esperam, nervosos. Dias Gomes fala fora de cena.

Dias Gomes - Então Alexandre, vamos lá?

Os dois se levantam estabados carregando o equipamento.

CENA 7 - INT/DIA - SALA DO COMPUTADOR

Dias Gomes sentado em sua escrivaninha. Seu rosto recebe luz da janela. Alexandre opera a câmera e Daniel coloca o microfone de lapela na jaqueta de Dias. Ele percebe a imensa cicatriz em seu peito: ponte de safena. Sentam-se.

Daniel - Tudo certo?

Alexandre - Quando quiser, rodando.

Daniel - Você assiste telenovelas?

Dias - Eu não assisto novela, só assisti às minhas por obrigação, porque toma muito tempo, e geralmente eu chego em casa tarde. Não tenho nada contra novelas, se tivesse não teria feito tantas. Mas realmente eu não acompanho. O que eu ouço por aí é uma queixa geral de falta de criatividade, de que as novelas se repetem. Mas isso é um fenômeno geral. Geralmente os críticos acusam a novela como se ela fosse uma coisa separada de um contexto cultural. A mesma crise de criatividade você sente no cinema, no romance; é uma característica deste fim-de-século. Não há um grande movimento renovador em nenhum setor artístico.

Daniel - Como foi a experiência da Casa de Criação Janete Clair?

Dias - Foi uma experiência inteligente demais para ser aceita, generosa demais para ser aceita. A Casa de Criação foi constituída em 84 e durou 2 anos só. Era uma idéia justamente prevendo a crise que está aí instalada, essa crise de criatividade. A minha proposta para a Globo foi de cuidar disso antes que chegasse o momento. Vai chegar o momento em que as novelas vão ficar todas repetitivas, os autores não vão ser renovados; então, é preciso criar um organismo para desenvolver a criatividade, o horizonte da novela, e tam-

bém desenvolver os autores que estão começando agora e os que virão. Então, o objetivo da Casa de Criação era revelar novos autores, prepará-los para a televisão e também ampliar o horizonte temático da novela. Até formalmente, buscar novas formas, esse era o projeto. Não foi bem entendido, foi muito combatido, houve ciúmeiras, o diabo – e por fim durou só dois anos. Havia um grupo do qual faziam parte o Antônio Mercado, o Ferreira Gullar, Doc Comparato. Nós tínhamos uma sede, e cada um tomava conta de um setor. Havia um setor de seminários, de discussões, que estava a cargo do Mercado. Outro setor recebia sugestões de autores do país inteiro; e havia um outro setor que analisava as novelas que estavam no ar. Então, era uma oficina com uma ambição muito maior, de renovar o gênero e revelar novos talentos.

Daniel - E por que acabou?

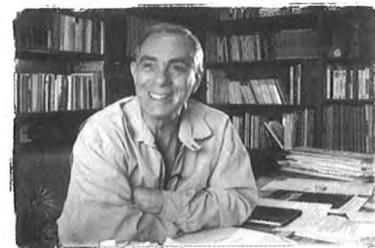
Dias - Se você tiver a resposta, me diz, porque eu não sei. Se você descobrir... (risos) Essa pergunta me fez a nova diretora-geral da Globo (Marluce Dias) quando entrou.

Daniel - Como é o trabalho do autor de novelas?

Dias - A novela é assim como botar um barco numa corredeira e você não sabe o que vai acontecer. Pode virar, pode bater, pode furar o casco: você não sabe o que vai acontecer. É uma aventura.

Daniel - Você trabalha com assistentes?

Dias - Você diz colaboradores, né? Essa história de colaboradores foi uma invenção da Globo, na década de 80, porque os autores mais tarimbados ou começaram a morrer ou então já estavam muito cansados. Aí eu já estava parando, eu sempre escrevi sozinho, eu nunca escrevi com nenhum colaborador, até porque, no início, a Globo não tinha dinheiro para isso. Quando eu entrei na



Globo, só tinha dois autores contratados: eu e a Janete. Eu escrevia o horário das 22 e ela escrevia o horário das 20. E não tinha nenhum autor, sequer para substituir nas férias. Então acabava uma novela na sexta e começava outra na segunda, o mesmo autor. Essa moleza de co-autor, assessor disso, assessor daquilo, pesquisador, veio surgir depois que a Globo foi enriquecendo. Porque no início não havia nada disso, o autor fazia tudo sozinho. Eu escrevi 3 novelas, uma atrás da outra, sem parar, e a Janete escreveu 5, sem ter um dia de descanso. As coisas mudaram muito depois disso.

Daniel - O que mudou?

Dias - Olha, antigamente a novela era produzida de uma maneira mais, vamos dizer assim, era muito mais um trabalho de equipe. Não de uma grande equipe, mas de uma equipe familiar, vamos dizer assim. O autor, o diretor, os atores tinham um entrosamento, uma intimidade muito maior na produção. Frequentemente, quase que diariamente, o diretor ligava para o autor para comentar o capítulo, para discutir rumos. No início da novela, tinha a reunião dos atores e o autor ia, conversava com todos sobre os papéis, esclarecia dúvidas, era um trabalho muito mais compacto. Ultimamente, talvez pelo próprio crescimento da Globo, essas coisas ficaram muito isoladas. Raramente um diretor liga para um autor, até mesmo quando o autor liga o diretor nunca atende, nunca responde. O contato com os atores também não é feito. Muito raramente um autor tem contato com um ou outro ator. Eu não sei o que mudou, o certo é que essa intimidade entre o autor-diretor e atores diminuiu muito. Ficou cada um do seu lado: o autor escreve muito solitariamente e poucos são os diretores que procuram um contato diário com o autor.



Daniel - Como foi o caso do grampo em seu telefone?

Dias - Nunca se soube exatamente por que a novela (*Roque Santeiro*) tinha sido proibida em 75. A não ser depois que foram abertos os arquivos do DOPS, quando se descobriu um grampo no telefone do historiador Nelson Werneck Sodré. Enquanto eu estava começando a escrever a novela, ele me telefonou e perguntou o que eu estava fazendo. Eu disse: Ah, estou fazendo aqui uma pequena safadeza, estou adaptando o *Berço do Herói* (peça de teatro proibida) para a TV. Ele disse: Olha, isso não passa, você sabe que os militares juraram que essa peça jamais seria encenada. Não, eu estou mudando os nomes dos personagens, mudei o título, é a mesma coisa mas está disfarçada (risos). Assim é capaz de passar, porque esses milicos são muito burros. E nós rimos muito. E tudo isso estava sendo gravado (risos). Foi por isso que eles proibiram e por isso que eles não



podiam dizer por que estavam proibindo. Ficou uma coisa kafkiana, que ninguém sabia por quê. Havia mil versões, uma delas é de que a novela fazia parte de um plano de subversão nacional (risos), coisas assim malucas. E só consegui saber a verdadeira causa muito tempo depois.

Daniel - Como você vê as relações entre cinema e TV?

Dias - Há uma certa confusão nas relações entre cinema e televisão. De um modo geral, os novos diretores querem fazer cinema e vão fazer novela; querem fazer filme na TV, o que é tão equivocado quanto fazer cinema no teatro ou teatro no cinema. Cada um desses gêneros tem a sua linguagem própria, e alguns dos novos diretores, até de talento, fazem uma confusão e o resultado não é bom. Eu acho que televisão se faz na televisão, cinema se faz no cinema e teatro se faz no teatro. A linguagem da TV é uma, e a do cinema é outra. Se ele quer fazer cinema na TV para mostrar que sabe fazer cinema, ele quebra a cara. Quebra a cara como muitos aí estão quebrando. É outra coisa. Serve, claro, do mesmo modo que a tarimba que eu adquiri no rádio me serviu muito para TV.

Daniel - Você tem algum sonho em relação à TV e ao teatro?

Dias - Sonho? Não, eu não sou um homem de sonhar. Eu sou um homem que vive o dia-a-dia, hoje. O que você sempre deseja é que a TV e o teatro brasileiro – a dramaturgia brasileira, que foi violentamente cerceada pela ditadura militar, e não se refez até hoje dos prejuízos – sempre evoluam. Isso são sonhos, isso não são sonhos, são projetos, são lutas que a gente enfrenta. São os bons combates que a gente trava.

FADE PARA BLACK